



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CAMPUS BARRA DO CORDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA VITÓRIA NOLETO DE SOUSA

**A configuração do trauma do encarceramento na obra *Memórias do cárcere*, de  
Graciliano Ramos**

Barra do Corda  
2023

MARIA VITÓRIA NOLETO DE SOUSA

**A configuração do trauma do encarceramento na obra *Memórias do cárcere*, de  
Graciliano Ramos**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Barra do Corda, para obtenção do grau de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. José Ivan Bernardo Andrade.

Barra do Corda

2023

Sousa, Maria Vitória Noleto de

A configuração do trauma do encarceramento na obra Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos / Maria Vitória Noleto de Sousa. – Barra do Corda, MA, 2023. 50 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Barra do Corda, 2023.

Orientador: Prof. Me. José Ivan Bernardo Andrade.

**Elaborado por Cássia Diniz- CRB 13/910**

MARIA VITÓRIA NOLETO DE SOUSA

**A configuração do trauma do encarceramento na obra *Memórias do cárcere*, de  
Graciliano Ramos**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Barra do Corda, para obtenção do grau de licenciatura em Letras, em Língua Portuguesa e literatura de Língua Portuguesa.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº Me. José Ivan Bernardo Andrade.  
Universidade Estadual do Maranhão

---

Prof. Ma. Jhussyenna Reis de Oliveira  
Universidade Estadual do Maranhão

---

Prof Esp. Neudson Nicasio Ferreira  
Universidade Estadual do Maranhão

*Dedico este trabalho a meus queridos pais, vocês foram a âncora que sustentou minha determinação e a luz que iluminou meu caminho, compartilhando o fardo das dificuldades e multiplicando as alegrias das conquistas. Obrigado por serem meus eternos modelos de perseverança, amor e apoio inabalável.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pai criador e provedor da minha vida, sem Ele nada teria sido possível. Minha família que graças ao seu apoio e esforço eu tive acesso a educação que transformou minha realidade, a minha mãe Maria Luísa por primeiro ter me concebido e depois por tornar a minha vida sua missão nessa terra, graças a ela cresci em meio aos livros e pude apreciar muitos mundos. Ao meu pai João, que nunca mediu esforços para me proporcionar uma vida digna e foi muito além dos deveres paternos. Ao meu irmão mais velho João Vitor, que sempre foi meu guardião protetor e pilar de sustentação.

À minha tia, Francisca Noletto, por sempre me apoiar nas escolhas acadêmicas, dar suporte, conselhos e motivação para perseverar neste caminho.

À Maria Anuzia Duarte, por ter me tirado da bolha interiorana e me mostrado que através dos estudos posso vislumbrar muitos horizontes.

As minhas queridas amigas de uma vida: Enecilane Sousa, Ana Beatriz Nunes, Kaylane Freire e Maiara Almeida, graças a vocês a vida é mais leve e em vocês recarrego minhas energias.

A meus professores de graduação, que através de seus conhecimentos me apresentaram o mundo literário e docente ao qual me apaixonei ao longo da jornada acadêmica na UEMA.

Ao meu orientador paciente e extremamente competente, professor José Ivan Bernardo que com seu jeito sereno e perspicaz me direcionou pelo caminho de produção deste trabalho.

À diretora do departamento de Letras Adervânia Cabral e ao secretário do curso Dagilson que pacientemente me ajudaram a concluir a graduação.

E, finalmente, a todos aqueles que por memória falha não foram aqui citados, sou a junção de todas as experiências vividas ao longo da vida e cada uma delas me trouxe até aqui.

*Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? “A seu ver, não podia ter “culpa de ser bruto”; e pergunta a si mesmo: “quem tinha culpa?”.*

*(Graciliano Ramos)*

## RESUMO

Na obra "Memórias do Cárcere" (1953), Graciliano Ramos revisita seu passado com o propósito de criar sua última e impactante narrativa: o relato de seus dias como prisioneiro durante a Ditadura Vargas. A partir de uma análise da obra, este trabalho explora o trauma no contexto do encarceramento, abordando suas origens, a relação entre o aprisionamento e as sequelas psicológicas, e a possibilidade de resgatar a memória traumática como meio de superação. No intuito de buscar resposta à problemática de como o autor na obra compôs os impactos gerados pela experiência de prisão, a presente pesquisa objetiva, de modo geral compreender como a recordação do trauma é construída na obra e especificamente, discutir as teorias acerca do trauma referente ao encarceramento, apontar os mecanismos literários de representação e estruturação de realidades ficcionais; e verificar como a reminiscência traumática do encarceramento é configurada na obra. Por meio do método de pesquisa que envolve uma abordagem multidisciplinar e qualitativa de representações ficcionais e autobiográficas, para analisar as composições da memória do trauma, ancorou-se toda a discussão nos pressupostos teóricos de Aristóteles (1996), Barthes (1980), Bitencourt (2001), Foucault (1987), além de outros teóricos pertinentes à temática. Esta pesquisa contribui para uma compreensão ampla das interações entre trauma, literatura e experiência carcerária, sublinhando a necessidade de abordagem interdisciplinar e compassiva nesses temas.

**Palavras-chave:** Trauma. Encarceramento. Memória. Representação.

## RESUMEN

En la obra "Memorias del Cárcel" (1953), Graciliano Ramos revisita su pasado con el propósito de crear su última e impactante narrativa: el relato de sus días como prisionero durante la Dictadura Vargas. A partir de un análisis de la obra, este trabajo explora el trauma en el contexto del encarcelamiento, abordando sus orígenes, la relación entre el aprisionamiento y las secuelas psicológicas, y la posibilidad de rescatar la memoria traumática como medio de superación. Con el objetivo de buscar respuesta a la problemática de cómo el autor en la obra compuso los impactos generados por la experiencia de prisión, la presente investigación tiene como objetivo, en general, comprender cómo se construye el recuerdo del trauma en la obra y, específicamente, discutir las teorías sobre el trauma relacionado con el encarcelamiento, señalar los mecanismos literarios de representación y estructuración de realidades ficticias; y verificar cómo se configura la reminiscencia traumática del encarcelamiento en la obra. A través del método de investigación que involucra un enfoque multidisciplinario y cualitativo de representaciones ficticias y autobiográficas, para analizar las composiciones de la memoria del trauma, se fundamentó toda la discusión en los presupuestos teóricos de Aristóteles (1996), Barthes (1980), Bitencourt (2001), Foucault (1987), además de otros teóricos pertinentes a la temática. Esta investigación contribuye a una comprensión amplia de las interacciones entre el trauma, la literatura y la experiencia carcelaria, subrayando la necesidad de un enfoque interdisciplinario y compasivo en estos temas.

**Palabras clave:** Trauma. Encarcelamiento. Memoria. Representación.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O TRAUMA NO CONTEXTO DO APRISIONAMENTO.....	13
2.1 Origens do Trauma na Psique.....	13
2.2 A Relação Entre o Aprisionamento e as Sequelas Psicológicas.....	15
2.3 O resgate da memória traumática como meio de superação da lesão causada.....	18
3 A LITERATURA COMO REFLEXO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE.....	21
3.1 Aristóteles e Barthes: literatura como ferramenta de imitação da realidade.....	21
3.2 Vida na ficção e seu papel social.....	27
4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE.....	31
5 <i>MEMORIAS DO CÁRCERE</i> E A RETRATAÇÃO DO TRAUMA.....	32
5.1 A representação do espaço prisional e da violência institucional na experiência traumática do encarceramento.....	33
5.2 A reconfiguração do sujeito a partir da experiência traumática.....	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O tema aborda a configuração do trauma do encarceramento na obra “Memórias do cárcere” (1953) e visa enriquecer a compreensão das complexidades da trama, evidenciando seu papel na representação literária do trauma e sua relevância na interseção entre literatura, história e vivências pessoais.

No intuito de buscar resposta à problemática de como o autor na obra compôs os impactos gerados pela experiência de prisão, a presente pesquisa objetiva, de modo geral compreender como a recordação do trauma é construída na obra e especificamente, discutir as teorias acerca do trauma referente ao encarceramento, apontar os mecanismos literários de representação e estruturação de realidades ficcionais; e verificar como a reminiscência traumática do encarceramento é configurada na obra.

A abordagem metodológica adotada é multidisciplinar e qualitativa sob uma obra semi-autobiográfica, analisando as representações da memória do trauma na obra. Os resultados da análise são interpretados através de uma abordagem de pesquisa qualitativa, incorporando elementos da análise literária. Essa análise aprofundada proporciona uma compreensão mais completa de como a memória do trauma é tratada na literatura do século XIX, especialmente no contexto do encarceramento.

As correntes teóricas, integrando elementos da psicologia para analisar as origens da lesão na psique e as sequelas psicológicas do aprisionamento, é complementada por uma perspectiva literária fundamentada nas teorias de Aristóteles (1996) e Barthes (1980). Essa integração reflete a interseção entre psicologia, teoria literária e possíveis estudos culturais. A pesquisa explora como a expressão artística, especialmente em “Memórias do Cárcere”, pode desempenhar um papel significativo na transformação do indivíduo após experiências traumáticas, alinhando-se também com as perspectivas de Bitencourt (2001) e Foucault (1987).

Considerando ainda que o trabalho de Graciliano teve um impacto significativo na literatura e na sociedade Brasileira, investigar como o trauma é retratado em sua obra pode revelar como concepções históricas e da saúde mental influenciaram não apenas a literatura, mas também as atitudes sociais e políticas da época.

O aprisionamento, além de constituir uma privação física, muitas vezes, como aponta Foucault (1987), se revela como um potente desencadeador de traumas psicológicos profundos, deixando cicatrizes invisíveis que perduram além das barreiras físicas das celas. Neste contexto, a compreensão do trauma e suas origens na psique torna-se fundamental para abordar as complexidades psicológicas associadas ao encarceramento.

Na primeira seção, realiza-se uma abordagem teórica sobre as origens do trauma na psique, buscando compreender as raízes profundas que podem gerar sequelas psicológicas duradouras nas raízes da lesão na mente. A relação intrínseca entre o aprisionamento e essas sequelas é delineada, destacando como a experiência de confinamento pode se tornar um catalisador para lesões psicológicas significativas, explorando o resgate da memória traumática como uma abordagem terapêutica, analisando como a expressão e reflexão sobre as próprias memórias podem ser cruciais na superação do trauma. Este ponto é especialmente relevante ao considerarmos a experiência carcerária, em que a reconstrução da narrativa pessoal pode oferecer uma via de escape e empoderamento para o sujeito traumatizado.

Na segunda seção adentrará ao universo da literatura como reflexo e construção da realidade. Ancorando-nos nas teorias de Aristóteles (1996) e Barthes (1980), investiga-se como a literatura não apenas imita a realidade, mas também desempenha um papel ativo na formação da identidade individual e coletiva. A vida na ficção, como é explorado, transcende os limites da página, influenciando e sendo influenciada pela sociedade que a inspira.

Na quarta seção é apresentado os procedimentos que foram utilizados para executar a análise da obra, baseada nas teorias da psicanálise.

Finalmente, na última seção, concentra-se na obra "Memórias do Cárcere" (1953), de Graciliano Ramos, analisando como essa narrativa oferece uma representação crítica do espaço prisional e da violência institucional, destacando a reconfiguração do sujeito a partir da experiência traumática.

## **2 O TRAUMA NO CONTEXTO DO APRISIONAMENTO**

No contexto do sistema prisional, a presença e o impacto do trauma emergem como elementos cruciais que permeiam a experiência dos indivíduos detidos. O confinamento, muitas vezes marcado por condições adversas, isolamento e violência, pode resultar em traumas profundos que reverberam ao longo do tempo.

Desse modo, compreende-se que o trauma do aprisionamento transcende as barreiras físicas das celas, infiltrando-se nas dimensões psicológicas e emocionais dos reclusos, exacerbando os desafios já inerentes à reabilitação e reintegração social. Neste cenário, conhecer a dinâmica entre o ambiente prisional e a saúde mental dos detentos torna-se imperativo para desenvolver abordagens mais humanas e eficazes no sistema de justiça criminal.

### **2.1 Origens do Trauma na Psique**

A formação do trauma na mente humana é um fenômeno complexo que envolve uma série de fatores biológicos, psicológicos e sociais. A psicologia estuda todos os tipos de traumas e quando se trata da definição do trauma, conceitua-se que “trauma psicológico é algo que sobrecarrega o indivíduo de uma perspectiva emocional e cognitiva, afetando a sua capacidade de funcionar, lidar com as situações e comunicar.” (Santos, 2017, p. 12). Assim, de acordo com a autora o trauma pode ser definido como uma resposta emocional e psicológica aversiva a um evento ou série de eventos traumáticos que são percebidos como ameaçadores à integridade física ou emocional de uma pessoa.

Logo, ao passar por uma experiência em que o cérebro não conseguiu processar ou sentir-se bem, o trauma é gerado e assim se constituem as etapas da formação do trauma segundo Marzola (2021):

1º etapa: o indivíduo é exposto a uma situação de estresse emocional. 2º etapa: a mente afetada não possui capacidade suficiente para administrar as emoções. 3º etapa: opressão dos sentimentos. 4º etapa: surge o sentimento de impotência em relação à vivência. 5º etapa: diminui a noção de identidade formada pela pessoa traumatizada. (Marzola, 2021, n. p.).

Assim, segundo a autora o indivíduo pode ser exposto a uma situação de estresse emocional de várias formas. Essas situações podem surgir a partir de eventos traumáticos, como a perda de um ente querido, um acidente grave ou um diagnóstico médico preocupante. Além disso, o estresse emocional também pode ser

desencadeado por situações do dia a dia, como pressões no trabalho, problemas financeiros, conflitos familiares ou términos de relacionamentos.

Quando uma pessoa é exposta a essas situações, seu corpo libera hormônios do estresse, como o cortisol, que desencadeia diversas reações físicas e emocionais. Essas reações podem incluir aumento da pressão arterial, batimentos cardíacos acelerados, dificuldade para dormir, irritabilidade, ansiedade e até mesmo a incapacidade de lidar adequadamente com as emoções. (Biblioteca virtual em saúde, 2012, n. p.).

A opressão dos sentimentos, segundo Marzola (2021), ocorre quando um indivíduo se sente incapaz de expressar suas emoções de maneira adequada ou sentir-se confortável em compartilhar suas preocupações, medos, tristezas e angústias. A opressão dos sentimentos pode levar a um acúmulo dessas emoções reprimidas, o que pode causar uma série de problemas na saúde mental.

Assim, quando uma pessoa experimenta um evento traumático, as emoções associadas a esse evento podem ser intensas e avassaladoras. O cérebro humano tem mecanismos de processamento emocional que podem ser sobrecarregados em situações traumáticas, resultando em uma incapacidade de processar e integrar adequadamente as emoções.

Ainda para a autora, traumas frequentemente resultam em memórias vívidas e intrusivas do evento, que podem ser reativadas por gatilhos ou lembranças associadas. Essas memórias podem ser acompanhadas por fortes reações emocionais, como ansiedade, medo e pânico.

Existem diversos tipos de traumas que podem afetar profundamente a vida de uma pessoa. O trauma pode surgir de diversas situações, onde Marzola (2021) apresenta quatro classificações:

Trauma crônico: resultado da exposição constante e prolongada aos eventos estressantes; Trauma agudo: resultado de um único evento estressante ou perigoso; Trauma complexo: resultado da exposição a vários eventos traumáticos; Trauma secundário: resultado de estar em contato com alguém que passou por um acontecimento traumático. (Marzola, 2021, n. p.)

Conforme se infere, o sofrimento duradouro é uma condição psicológica complexa que se desenvolve quando uma pessoa é exposta a situações traumáticas ou estressantes de forma contínua ao longo de um período prolongado. Ao contrário

do impacto súbito, que resulta de eventos únicos e marcantes, o sofrimento duradouro se manifesta devido à exposição constante a estressores."

Já os traumas complexos e secundário são respostas intensas em contextos específicos. O primeiro envolve cenários nos quais uma pessoa é submetida a vários incidentes prejudiciais ao longo do tempo, frequentemente de natureza interpessoal, como abuso infantil, negligência persistente ou relações traumáticas. Por outro lado, o segundo, muitas vezes associado a profissionais de saúde, sociais ou de resgate, ocorre quando indivíduos testemunham ou lidam com lesões psíquicas de outras pessoas de forma repetida. Isso pode levar a sintomas de estresse, exaustão emocional e, em casos graves, ao desenvolvimento do transtorno de estresse pós-traumático vicário.

A formação do trauma na mente humana é um tópico vasto e complexo, e a maneira como as pessoas respondem aos estressores mentais varia amplamente. No geral os eventos que podem ser considerados variados e possuem subjetividade quanto a sua intensidade já que "não é o evento que determina se uma experiência é traumática ou não traumática para o indivíduo, mas sim sua experiência subjetiva do acontecimento". (Santos, 2017, p. 1).

## **2.2 A Relação Entre o Aprisionamento e as Sequelas Psicológicas**

Foucault em sua obra *Vigiar e punir* (1987) aponta que na Era Medieval, o tratamento de criminosos variava amplamente, mas geralmente envolvia práticas brutais e punições severas. Segundo o autor a pena de morte era comum para crimes como assassinato e traição, com métodos de execução que incluíam enforcamento, decapitação e queima na fogueira. Alguns criminosos eram marcados, mutilados ou condenados a trabalhos forçados em condições degradantes, como minas ou galés. No entanto, a justiça medieval frequentemente carecia de processos justos e garantias de direitos humanos, refletindo a dureza da época e a falta de conhecimento sobre métodos mais humanos de lidar com o crime e a punição. Eram sentenciados e castigados em praça pública para toda a sociedade presenciar, esse era o castigo: sofrer fisicamente para todos verem. (Foucault, 1987, p. 11).

Com o passar do tempo o sistema judiciário viu seus métodos de cumprimento da lei andarem na linha tênue entre a execução da justiça e repetir a atrocidade do crime em julgo:

A punição pouco a pouco deixou de ser uma cena. E tudo o que pudesse implicar de espetáculo desde então terá um cunho negativo; e como as funções da cerimônia penal deixavam pouco a pouco de ser compreendidas, ficou a suspeita de que tal rito que dava um “fecho” ao crime mantinha com ele afinidades espúrias: igualando-o, ou mesmo ultrapassando-o em selvageria (Foucault, 1987, p.13).

Assim o sistema penal sai da tortura física, mas para fazer jus ao termo “punitivo” passa por transformações metodológicas nesta prática, a medida punitiva gradualmente se torna um aspecto menos aparente do sistema de justiça penal, o que resulta em diversas consequências: ela se afasta do escopo da observação comum e passa a integrar o domínio do pensamento abstrato, com sua eficácia frequentemente atribuída à sua inevitabilidade, em vez de depender de sua visível severidade. Onde segundo o autor o sistema penal passa a atuar na mente do prisioneiro, de modo que o mesmo passará por um tratamento de choque mental para fins reflexivos de seus atos: “O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.” (Foucault, 1987, p. 9).

A partir disso inicia-se o processo de desumanização do prisioneiro, onde o indivíduo é sujeito às mais diversas condições atroztes que favoreceram para o seu definhamento mental em que Bitencourt (2001) aponta que a redução da autoestima é um processo regular, mesmo que nem sempre seja algo planejado. O bloqueio que as instituições totalitárias estabelecem entre o indivíduo e o mundo exterior é o primeiro passo nessa deterioração:

Desde o momento em que a pessoa separada da sociedade, é também despojada da função que nela cumpria. Posteriormente, o interno é submetido procedimentos de administração, onde é manuseada, classificado e moldado. Isso implica uma coisificação da pessoa, pois é classificada como objeto para ser introduzida na burocracia administrativa do estabelecimento, onde deverá ser transformada paulatinamente, mediante operações de rotina. Esse procedimento leva a uma nova despersonalização e a depreciação do ego. (Bitencourt, 2001, p.173).

O processo de “encarceramento” não afeta da mesma maneira todos os indivíduos, este varia de acordo com a pena a ser cumprida e a aceitação do prisioneiro com a sua situação. Mas mesmo para prisioneiros mentalmente equilibrados o encarceramento causa-lhes modificações comportamentais e cerebrais, assim o autor aponta que o detento se conforma com as normas de convivência, hábitos e tradições estabelecidos pelos próprios presos dentro da

instituição penal, pois não possui outra alternativa. A velocidade com que ele se adapta a essa nova realidade varia, dependendo do tempo de sua sentença, das atividades que realiza na prisão, de sua personalidade e de suas conexões com o mundo exterior, entre outros fatores. Em última análise, a prisão tem impactos prejudiciais na reintegração social, dificultando a eficácia das intervenções de reabilitação (Bitencourt, 2001, p. 191).

O impacto psicológico do aprisionamento em um indivíduo é profundo e pode levar a alterações significativas em sua estrutura neurológica, resultando em modificações notáveis em sua percepção da realidade. A experiência de estar recluso, muitas vezes em condições adversas e em um ambiente altamente controlado, pode causar estresse crônico, ansiedade e depressão. Esses fatores psicológicos podem desencadear mudanças no cérebro, afetando áreas relacionadas à emoção, tomada de decisão e processamento cognitivo (American Psychiatric Association, 2014, p.289).

A falta de estímulos externos e a constante exposição a um ambiente limitado podem levar à diminuição da plasticidade cerebral, tornando mais difícil para o indivíduo se adaptar a novas situações após sua libertação. Além disso, a sensação de isolamento social e a estigmatização associada à prisão podem levar a uma alteração na percepção de si mesmo e dos outros, tornando mais desafiador o processo de reintegração social:

ambiente penitenciário perturba ou impossibilita o funcionamento dos mecanismos compensadores da psique, que são os que permitem conservar o equilíbrio psíquico e a saúde mental. Tal ambiente exerce uma influência tão negativa que a ineficácia dos mecanismos de compensação psíquica propicia a aparição de desequilíbrios que podem ir desde uma simples reação psicopática momentânea até um intenso e duradouro quadro psicótico, segundo a capacidade de adaptação, que o sujeito tenha. (Bitencourt, 2001, p.198).

Bitencourt (2001) destaca a influência profundamente negativa que o ambiente penitenciário pode ter sobre a psique dos indivíduos. Em um ambiente onde os mecanismos de compensação psíquica são perturbados ou impossibilitados, os detentos enfrentam desafios extraordinários em termos de adaptação e sobrevivência psicológica. A incapacidade de lidar eficazmente com o estresse, com o trauma e com as pressões do encarceramento pode resultar em uma ampla gama de problemas de

saúde mental, desde reações psicopáticas temporárias até distúrbios psicóticos mais duradouros.

Além disso, também é destacado a necessidade de considerar as implicações da justiça criminal e do sistema prisional na saúde mental, reconhecendo que o encarceramento pode ser traumático e que as políticas de reabilitação e reinserção devem levar em conta os desafios psicológicos enfrentados pelos indivíduos após a prisão.

### **2.3 O resgate da memória traumática como meio de superação da lesão causada**

No tecido complexo da experiência humana, a memória traumática muitas vezes assume o papel de uma sombra persistente, influenciando as interações diárias e moldando a perspectiva individual em direção a eventos passados. A lesão causada por traumas pode manifestar-se de diversas formas, afetando não apenas a saúde mental, mas também a qualidade de vida de uma pessoa. No entanto, uma abordagem que tem ganhado destaque é o resgate ativo da memória traumática como um meio de superação e cura.

Em vez de relegar o trauma a um canto obscuro da psique, muitos profissionais de saúde mental agora exploram estratégias que capacitam os indivíduos a confrontar e reconstruir suas experiências traumáticas, visando não apenas à gestão, mas à transformação positiva do impacto psicológico adverso. Este enfoque, centrado no resgate da memória traumática, surge como uma via promissora para a promoção da resiliência e a superação efetiva das lesões causadas pelos eventos traumáticos, Sousa (2013) aponta que:

Dar um testemunho implica em reconstruir parte de uma história, esteja o narrador interessado em focar-se em acontecimentos individuais ou coletivos. Aquele que decide testemunhar, ou seja, narrar um evento, está necessariamente inserido no contexto de sua narrativa. Não é possível testemunhar “de fora”: “o testemunho é, via de regra, fruto de uma contemplação: a testemunha é sempre testemunha ocular”. No ato de testemunhar, o narrador não mobiliza exclusivamente sua memória visual e fotográfica para reconstruir o cenário do evento: a ênfase que dará em alguns pontos em detrimento de outros; os elementos que escolhe, ainda que inconscientemente, trazer ou não para sua narrativa; a forma como ordena esses elementos; tudo isso é fruto de um processo de resgate da memória muito mais complexo do que se pode supor à primeira vista. (Sousa, 2013, p.17-18)

A autora ressalta a intrincada natureza do ato de testemunhar, destacando que narrar um evento implica, necessariamente, em reconstruir parte de uma história. Ao

decidir testemunhar, o narrador não apenas revive memórias, mas também se insere no contexto de sua própria narrativa. A ideia de que não é possível testemunhar "de fora" sublinha a subjetividade inerente a esse processo, pois a testemunha está inevitavelmente imersa em suas próprias experiências e perspectivas. A afirmação da autora de que o testemunho é geralmente fruto de uma contemplação, tornando a testemunha sempre ocular, destaca a importância da visão pessoal na reconstrução da história. Este enfoque visual, no entanto, não se limita à simples lembrança de imagens; ele permeia a seleção, ordenação e ênfase dos elementos narrativos, evidenciando a complexidade do processo de resgate da memória.

No ato de testemunhar, é sugerido que a memória visual e fotográfica do narrador não é o único fator em jogo. A ênfase se volta para as escolhas conscientes ou inconscientes feitas pelo narrador ao decidir quais elementos incluir ou excluir de sua narrativa. A decisão sobre quais pontos enfatizar, a maneira como esses elementos são, segundo a autora ordenados e a omissão de certos detalhes revelam um processo de resgate da memória intrinsecamente complexo. Assim, o testemunho não é apenas um ato de lembrança; é também um ato de seleção, interpretação e expressão.

Essa abordagem multifacetada do testemunho destaca a importância de reconhecer a subjetividade inerente a cada relato, desafiando a suposição simplista de que a memória é um registro objetivo e imparcial dos eventos passados.

Sousa (2013) aborda a "potência" do testemunho da memória que detém um poder singular e transformador na compreensão e interpretação dos eventos passados. Ao narrar suas experiências, a testemunha não apenas reconstrói uma parte da história, mas também dá voz ao seu próprio entendimento e significado dos acontecimentos:

A potência do ato testemunhal se dá pelo fato de, no momento do testemunho, a consciência atual se fundir com a memória do passado, de forma inseri-lo no momento presente e possibilitando, quase que de forma ritualística, evoca-lo a se manifestar no aqui e agora: "na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente". (Sousa, 2013, p.22).

Infere-se que a potência única do ato testemunhal ao destacar a fusão entre a consciência atual e a memória do passado no momento do testemunho. Essa integração não apenas transcende a linha tênue que separa o antes do agora, mas também confere à memória uma presença viva e palpável no momento presente. A

afirmação de que "na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente" sugere uma dinâmica peculiar onde o passado não é simplesmente lembrado, mas ressurgem com vigor, moldando a experiência atual de maneira intrínseca. Este fenômeno transforma o ato de testemunhar em algo mais do que uma simples narrativa; torna-se um ritual, uma evocação ativa do passado para o presente.

Nesse contexto, o testemunho emerge como uma forma de resgate da temporalidade, não apenas como um registro cronológico, mas como uma vivência imersiva que transcende barreiras temporais. Ao trazer o passado à tona no momento presente, o testemunho adquire uma qualidade ritualística, proporcionando uma experiência compartilhada e participativa. A consciência do testemunho não apenas observa o passado, mas o convoca a manifestar-se de maneira tangível no presente. Essa fusão temporal não apenas amplia a compreensão dos eventos passados, mas também fortalece o elo entre passado e presente, destacando a relevância contínua das narrativas históricas na construção e interpretação da identidade coletiva. O ato testemunhal, assim, revela-se como uma ponte que conecta a trajetória temporal, conferindo uma significância renovada à narrativa do passado no tecido do presente.

### **3 A LITERATURA COMO REFLEXO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE**

A literatura é um espelho da sociedade e, ao mesmo tempo, uma ferramenta de construção da realidade. Há séculos, escritores e autoras têm empregado a palavra escrita para refletir os aspectos mais profundos e complexos da experiência humana, moldando nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Segundo De Almeida Cardoso (1985) a Literatura é como reflexo e construção da realidade explora a profunda relação entre a literatura e a sociedade, destacando como os textos literários não apenas espelham as realidades culturais, políticas e sociais de seu tempo, mas também têm o poder de influenciar, desafiar e reconfigurar essas realidades. (De Almeida Cardoso, 1985, p. 161).

Através desta perspectiva, pode-se explorar como a literatura, desde os clássicos da antiguidade até as obras contemporâneas, captura as nuances da condição humana e oferece visões críticas das estruturas sociais, proporcionando um espaço para a reflexão e a crítica. A literatura, portanto, é uma lente poderosa para analisar não apenas quem somos, mas também quem podemos ser, e como nossas histórias individuais e coletivas são interligadas e moldadas pelo mundo literário que criamos e habitamos.

#### **3.1 Aristóteles e Barthes: literatura como ferramenta de imitação da realidade**

É fundamental reconhecer a longa trajetória da literatura, desde tempos antigos até as inovações da vanguarda. Durante todo esse percurso, a literatura se dedicou a uma tarefa intrinsecamente humana: representar algo que é de certa forma, indomável - o real. A literatura é o espelho das experiências vividas e um esforço constante para capturar a complexidade do mundo em palavras. No entanto, Barthes (1980) lança um olhar crítico sobre essa busca incessante, enfatizando que o real, por sua própria natureza, é intratável, resistindo às tentativas de representação direta. É nesse contexto que ele lembra da história da literatura como uma busca incansável para apreender o indizível, um desafio que impulsionou os escritores através dos séculos, mantendo a literatura como uma fonte inesgotável de exploração e expressão do que é humano e do mundo que nos cerca. Barthes (1980) aponta que:

Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. [...] Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura (Barthes, 1980, p.21).

O autor destaca a essência fundamental da literatura como uma forma artística e criativa que tem como seu principal objetivo a representação do "real". Essa representação do real, que abrange desde os tempos antigos até as inovações da vanguarda literária, é o cerne da atividade literária. No entanto, ele também faz uma afirmação ousada ao dizer que o "real" em si não é representável. Isso lança luz sobre a tensão subjacente na literatura, em que os escritores constantemente buscam expressar a realidade por meio das palavras, apesar da inerente impossibilidade de capturar o real de forma completa e definitiva.

Essa ideia levanta questões profundas sobre o propósito da literatura e seu papel na compreensão e na representação do mundo. Barthes (1980) sugere que é precisamente porque os seres humanos anseiam por representar o real que a literatura existe e evolui ao longo da história. Para o autor, a literatura se torna uma busca constante, uma exploração da complexidade do real, mesmo que nunca possa alcançar uma representação completa e definitiva. Essa afirmação também sublinha o caráter dinâmico da literatura, que se adapta e se reinventa ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas formas de compreender e expressar a realidade. Barthes (1980) também reflete sobre o poder da literatura como uma ferramenta humana para explorar, questionar e, de certa forma, capturar fragmentos da vasta e inapreensível realidade que nos cerca.

Aristóteles, filósofo grego antigo, elaborou uma teoria da literatura e do teatro em sua obra "Poética". Em sua análise, Aristóteles discute como a literatura, em particular o drama trágico, representa a realidade e a vida humana. Assim, Aristóteles (1996) aponta que:

Assim como alguns imitam muitas coisas figurando-as por meio de cores e traços (uns graças à arte; outros, à prática) e outros o fazem por meio da voz, assim também ocorre naquelas mencionadas artes; todas elas efetuam a imitação pelo ritmo, pela palavra e pela melodia, quer separados, quer combinados. (Aristóteles, 1996, p.7)

Assim, o filósofo grego argumenta que, da mesma forma que alguns artistas imitam muitas coisas através de cores e traços, outros o fazem usando a voz. Nesse contexto, ele se refere ao teatro e à poesia como formas de arte que imitam a vida humana e a ação por meio do ritmo, das palavras e da melodia, seja de forma isolada ou combinada. Essa ideia ressalta a natureza essencialmente representativa da

literatura e da dramaturgia, onde os artistas, através da linguagem e do desempenho, procuram imitar e representar aspectos da experiência humana.

Além disso, o autor enfatiza a diversidade de abordagens na realização dessa imitação. Assim como os artistas visuais têm diferentes técnicas para representar objetos e cenários, os artistas da palavra e da melodia também têm várias maneiras de criar suas obras. Segundo ele, isso sugere que a literatura e o teatro são formas de expressão ricas e variadas, onde os artistas podem explorar e representar a complexidade da vida de muitas maneiras distintas, usando a linguagem, o ritmo e a melodia como ferramentas essenciais. Em resumo, é lembrado que a imitação, através das artes, desempenha um papel vital na exploração da realidade e na compreensão da condição humana.

Aristóteles (1996) argumentou que a literatura, em especial o teatro, é uma forma de imitação da vida (mímesis). Ele afirmou que a tragédia, em particular, é a imitação de uma ação séria e completa, que tem uma estrutura específica de enredo, personagens e linguagem:

Nessa mesma diferença divergem a tragédia e a comédia; esta os quer imitar inferiores e aquela superiores aos da atualidade. [...] Uma terceira diferença nessas artes reside em como representam cada um desses objetos. Com efeito, podem-se às vezes representar pelos mesmos meios os mesmos objetos, seja narrando, quer pela boca duma personagem, como fez Homero, quer na primeira pessoa, sem mudá-la, seja deixando as personagens imitadas tudo fazer, agindo (Aristóteles, 1996, p.8-9).

O filósofo grego argumenta que uma das principais distinções entre esses gêneros está na escolha dos personagens a serem imitados. A comédia busca imitar personagens inferiores à média da sociedade, muitas vezes retratando características humanas cômicas, enquanto a tragédia se concentra em personagens superiores, que exemplificam virtudes e qualidades nobres. Essa diferença essencial influencia o tom e a mensagem das peças, com a comédia muitas vezes explorando o lado mais leve e humorístico da vida e a tragédia lidando com questões sérias e elevadas.

Ele observa que, embora possam ocasionalmente usar os mesmos meios para representar os mesmos objetos, a narrativa pode ser realizada de diferentes maneiras. Isso pode envolver a narração através da boca de personagens, como visto em Homero, ou a representação direta através das ações e diálogos das próprias personagens. Essa distinção na representação oferece uma variedade de abordagens na criação de narrativas e no desenvolvimento de personagens nas tragédias e

comédias, demonstrando a riqueza da arte dramática na Grécia Antiga e sua capacidade de abordar uma ampla gama de temas e estilos.

Essa imitação da ação humana, de acordo com o autor, permite que os espectadores vivenciem uma catarse emocional, ou seja, uma purificação ou purgação das emoções através da identificação com os personagens e da compreensão das consequências das ações representadas.

Aristóteles (1996) examina a imitação da vida pela literatura, particularmente no contexto do teatro trágico. Ele argumenta que a tragédia é a imitação de ações sérias e completas, e que essa imitação ocorre por meio de elementos como ritmo, palavra e melodia. Além disso, ele destaca as diferentes abordagens na representação, seja por meio de narrativa ou pela interpretação direta das personagens. Essa distinção na representação demonstra a riqueza e a diversidade da arte dramática na Grécia Antiga, bem como a capacidade da literatura para explorar uma variedade de temas e estilos.

Segundo De Oliveira Rocha (2015) a mimese é um termo derivado do grego antigo que significa "imitação" ou "representação," é uma das mais antigas e fundamentais características da arte e da literatura (De Oliveira Rocha, 2015, p.23). Ela envolve a habilidade de artistas e escritores em recriar aspectos da realidade, seja através de palavras, imagens, música ou atuações, e é uma forma de explorar a vida e a experiência humana. A mimese não se limita à simples reprodução da realidade; é uma arte sofisticada que envolve interpretação, seleção e criatividade.

O conceito de mimese (ou mimesí) teve origem na filosofia grega e foi amplamente discutido por diversos filósofos clássicos, mas não pode ser atribuído a um criador específico.

Aristóteles, um dos filósofos gregos mais influentes, elaborou sobre o conceito de mimese em sua obra *Poética*. Na obra, o autor discute como a tragédia e a epopeia são formas literárias que imitam ações humanas e, ao fazê-lo, proporcionam catarse e compreensão da vida humana (Aristóteles, 1996, p.7). Embora ele tenha contribuído significativamente para a teoria da mimese na literatura, ele não foi o criador original do conceito.

No contexto da literatura, a mimese desempenha um papel vital. Ela permite que os escritores representem personagens, lugares, eventos e emoções de maneira

a criar uma experiência vívida para os leitores. Ao contar histórias, os autores imitam a vida, construindo mundos fictícios que refletem, ampliam e, às vezes, questionam a realidade. Através da palavra escrita, eles são capazes de transmitir não apenas os aspectos externos da vida, mas também os complexos sentimentos, pensamentos e dilemas humanos.

Platão, outro filósofo grego importante, também discutiu a mimese em seus diálogos, particularmente na "República." Em "A Ion," ele abordou o papel do poeta como imitador e sua influência na sociedade (Platão, 1993, p. 374).

É um conceito fundamental na teoria estética e literária que se refere à imitação ou representação da realidade na arte e na literatura. Essa ideia de que a arte seja ela na forma de literatura, pintura, teatro, música ou qualquer outra expressão artística, tem a capacidade de imitar ou representar aspectos da realidade. Em outras palavras, a arte busca capturar, recriar ou refletir a experiência humana, o mundo natural, as emoções e os eventos da vida de alguma forma.

Dessa forma, a mimese pressupõe que a arte tem a capacidade de oferecer ao espectador ou leitor uma representação fiel ou verossímil da realidade, permitindo que ele se identifique, compreenda ou se emocione com o que está sendo representado. Ela também envolve a capacidade de criar novas realidades, mundos alternativos e personagens únicos. Autores podem usar a mimese para explorar possibilidades imaginativas, criar metáforas poderosas e expressar ideias profundas que não poderiam ser comunicadas de outra forma. Através dessa imitação criativa, a literatura se torna uma ferramenta para a exploração da psicologia humana, a crítica social, a sátira política e a reflexão filosófica.

Consoante as observações de Nunes (1986), a emulação não se destitui da prática intelectual: "não se pode imitar sem imaginar e comparar" (Nunes, 1986, p. 57) assim mimese muitas vezes se concentra na exploração da psicologia humana, revelando a complexidade dos personagens, suas motivações e conflitos internos, apesar disso ela não é uma simples cópia da realidade, mas envolve a interpretação e a reconstrução criativa da realidade pelo artista. Cada obra de arte oferece uma visão única do mundo.

Muitas vezes na história do mundo escolas literárias defenderam que a literatura deveria ser um espelho da realidade, como é o caso, por exemplo, das

escolas literárias Naturalismo e Realismo. Émile Zola (1982), um influente autor francês do século XIX, foi um dos principais defensores do movimento literário conhecido como o "Naturalismo". A perspectiva de Zola sobre a literatura como uma forma de observação científica da sociedade reflete as ideias centrais desse movimento literário. Ele acreditava que a literatura tinha a responsabilidade de retratar a sociedade de maneira objetiva e científica, sem idealização ou romantização (Zola, 1982, p. 79). Sua abordagem foi fortemente influenciada pelas teorias científicas da época, como o positivismo de Auguste Comte e as ideias do biólogo Charles Darwin. Ele argumentava que os escritores deveriam aplicar princípios científicos à sua escrita, estudando e descrevendo a sociedade como um cientista observa e analisa um fenômeno natural.

Apesar de ater-se a uma visão mais teórica do que espontânea de como a representação da vida na literatura Zola defendia um realismo extremo em suas obras, insistindo na representação precisa e minuciosa da vida cotidiana e das condições sociais. Ele acreditava que a literatura deveria refletir a realidade em todos os seus detalhes, inclusive os aspectos menos atraentes e muitas vezes brutais (Zola, 1982, p.79).

Como já apresentado, a arte da representação da vida, desempenha um papel fundamental na criação de obras literárias ricas e impactantes. Ao imitar a realidade, os escritores conseguem envolver os leitores de maneira profunda, permitindo que eles se identifiquem com personagens e situações familiares. Através dessa representação cuidadosa e observação meticulosa, a literatura tem o poder de capturar a essência da condição humana, explorando dilemas morais, questões sociais e emoções universais.

Também serve como uma ferramenta poderosa para a reflexão crítica da sociedade. Émile Zola (1982), como já citado adotou uma abordagem realista, observando a sociedade de maneira objetiva e desapaixonada. Essa perspectiva científica da literatura pode lançar luz sobre as complexidades da vida humana e oferecer uma visão crítica das estruturas sociais e culturais.

Esse retrato da realidade transcende as fronteiras do tempo e da cultura, criando narrativas que ressoam com leitores de diferentes origens. Ao imitar a vida de maneira convincente, a literatura se torna uma janela para o mundo, permitindo que

os leitores explorem e compreendam a diversidade da experiência humana. É através dessa representação habilidosa que a literatura continua a enriquecer a vida, provocar reflexão e conectar as pessoas em torno de histórias que ecoam com a verdade e a complexidade da existência.

### **3.2 Vida na ficção e seu papel social**

A vida na ficção é um reflexo poderoso do mundo real, desempenhando um papel social que vai muito além do mero entretenimento. A literatura, o cinema, a televisão e outras formas de narrativa têm o poder de moldar nossa compreensão da sociedade, questionar normas estabelecidas e inspirar mudanças significativas. Ao explorar personagens fictícios e seus dilemas, somos capazes de nos conectar com aspectos profundos da condição humana, analisar questões sociais prementes e, em última análise, enriquecer nosso entendimento do mundo em que vivemos. Neste contexto, examinaremos como a vida na ficção desempenha um papel vital na construção de nossa cultura e na promoção de debates que impulsionam o progresso social. Bakhtin (2013) aponta que:

Polemiza-se com os heróis, aprende-se com os heróis, tenta-se desenvolver suas concepções até fazê-las chegar a um sistema acabado. O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor (Bakhtin, 2013, p. 3).

O autor ressalta a complexa relação entre os heróis da literatura e a construção de ideologias, evidenciando como a ficção desempenha um papel essencial na arena de ideias e valores sociais. Segundo o autor, os heróis fictícios são constantemente o centro de controvérsias e debates, desafiando concepções convencionais e estabelecendo novas perspectivas. Bakhtin (2013) mostra que esses personagens através de suas ações e dilemas, tornam-se catalisadores de discussões e polêmicas que muitas vezes ecoam na sociedade real. Ao questionar normas e valores, eles nos convidam a refletir sobre questões fundamentais e a repensar nossas próprias crenças.

Também é destacado a capacidade dos heróis fictícios de nos ensinar. Eles são modelos e fontes de inspiração para aqueles que buscam compreender o mundo, moldar suas próprias ideologias e tomar decisões morais. A jornada do herói frequentemente envolve um processo de aprendizado e autoconhecimento que ressoa com os leitores e espectadores. Os heróis não são apenas personagens

unidimensionais, mas figuras que evoluem, enfrentam desafios e amadurecem ao longo da história. Essa evolução e busca por sabedoria são lições valiosas que podemos aplicar em nossas próprias vidas.

Assim, o teórico traz luz a independência intelectual do herói na ficção, destacando-o como um criador de sua própria filosofia e visão de mundo. Essa característica sublinha a riqueza da complexidade dos personagens na literatura, onde suas perspectivas são autônomas e não meramente reflexos da visão do autor. Isso permite que os heróis fictícios existam como entidades autônomas, capazes de influenciar a maneira como os leitores interpretam o mundo e desenvolvem suas próprias concepções

Para que exista essa identificação do leitor com o herói ou com os demais personagens da história, é necessário que a temática abordada vá para além do enredo e o leitor sinta-se pertencido àquela vivência, pois segundo Floriano (2015) a poesia engajada representa uma resposta à concepção amplamente difundida atualmente de que a arte é autossuficiente. Segundo o autor, essa abordagem confronta, de maneira franca e inclusiva, as abordagens dos seguidores desse estilo artístico que argumentam que a poesia, como uma forma de arte, não pode veicular discursos. Eles sustentam que ela deve permanecer politicamente neutra, focando unicamente na estética e na cadência das palavras. (Floriano, 2015, n. p.).

Floriano (2015) afirma ainda que “O romantismo também caminhou nesta direção, porque “conduziu a arte à alienação, ao escapismo” (Floriano, 2015, n. p.) em que o autor suscita uma reflexão profunda sobre o papel do romantismo na história da arte e da literatura. O romantismo, com sua ênfase na expressão emocional, na individualidade e na fuga da realidade, de fato, pode ser interpretado como uma corrente artística que muitas vezes conduziu a arte à alienação do mundo real. Os românticos frequentemente buscavam refúgio em um mundo idealizado, longe das preocupações cotidianas, o que poderia ser interpretado como uma forma de escapismo. Nesse sentido, o romantismo pode ser visto como uma reação à racionalidade da época, mas também como uma tendência artística que, em alguns casos, negligenciava as questões sociais e políticas de seu tempo, a perspectiva da literatura ganha um papel social de denúncia da realidade:

não nos é permitido fazer de conta que o mundo é belo e que a vida sorri para todos igualmente. Crianças são abandonadas nas ruas, escolas não

oferecem ensino de qualidade, as oportunidades de emprego são cada vez mais raras, o trabalho é insalubre e atende por uma lógica quase escravocrata na sua relação com o Capital (Floriano, 2015, n. p.).

O autor ressalta a necessidade de encarar a realidade de frente e reconhecer os desafios sociais e econômicos que muitas pessoas enfrentam em todo o mundo, fazendo um alerta para a urgência de enfrentar esses desafios sociais, econômicos e educacionais para criar um mundo mais equitativo e justo.

No entanto não apenas o romantismo assume esse papel social no retrato do real, ao nos posicionarmos na perspectiva do método (auto)biográfico, por exemplo, concordamos com Ferrarotti (2010) ao afirmar que tais fontes não devem ser meramente usadas para ilustrar uma época ou período, mas sim abordadas como um conhecimento organizado, que demanda nossa habilidade interpretativa. De acordo com as investigações autobiográficas na área educacional têm revelado, é viável explorar as práticas sociais manifestadas nas fontes autobiográficas, as quais, simultaneamente, fornecem insights sobre o processo de formação de uma cultura e da identidade docente. Nesse contexto, endossamos a declaração do autor ao discutir a importância de uma metodologia sociológica verdadeiramente direcionada para uma hermenêutica do indivíduo em suas interações sociais:

[...] Temos de abandonar o modelo mecanicista que caracterizou as tentativas de interpretação do indivíduo por meio de "frame-works" sociológicos. O indivíduo não é um epifenômeno do social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um pólo ativo, impõe-se como uma práxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da sua subjetividade. (Ferrarotti, 2010, p. 44, grifos do autor).

O autor argumenta a favor do abandono do modelo mecanicista que historicamente caracterizou as tentativas de interpretar o indivíduo por meio de "frame-works" sociológicos. Ferrarotti destaca a importância de reconhecer que o indivíduo não é um mero epifenômeno do social. Em contraste com uma visão passiva, o indivíduo emerge como um polo ativo em relação às estruturas e à história de uma sociedade, impondo-se como uma práxis sintética. Em vez de meramente refletir o social, o indivíduo se apropria dele, media, filtra e o traduz novamente, projetando-se em uma dimensão psicológica única de sua subjetividade. Este entendimento destaca a complexidade das interações sociais, defendendo uma abordagem que respeite a singularidade e a atuação ativa do indivíduo na construção de sua experiência social. (Ferrarotti, 2010, p. 44, grifos do autor).

Dentro do âmbito literário, Philippe Lejeune (2014) cunhou o termo "pacto autobiográfico" para descrever um entendimento entre autor e leitor. Esse pacto, estabelecido por meio de um contrato textual, busca convencer o leitor da veracidade dos eventos narrados no texto biográfico. Conseqüentemente, o leitor aceita como verdade os relatos do indivíduo, uma vez que, a partir do pacto estabelecido, Autor, Personagem e Narrador se identificam como a mesma entidade. Essa convenção no processo de leitura reforça a autenticidade dos acontecimentos narrados e fundamenta a relação de confiança entre quem escreve e quem lê uma obra autobiográfica.

Nicolodi (2021) destaca que, na literatura memorialista, o mnemônico é fundamental para a escrita, o que gera a emergência de possíveis incompatibilidades na construção de uma autobiografia. Isso se traduz na manifestação de traços ficcionais, levando a questionamentos sobre a fidelidade da memória aos acontecimentos reais. O autor ressalta que essa complexidade é acentuada pela distância temporal entre os sujeitos do texto, que estão separados tanto pela enunciação quanto pelos próprios eventos (Nicolodi, 2021, p. 40).

#### **4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE**

Na obra *Memórias do Cárcere*, o autor manipula o tempo e o espaço na narrativa, movendo-se entre diferentes momentos e locais, muitas vezes alterando a ordem cronológica dos eventos. Essa técnica contribui para a natureza semi-autobiográfica da obra, permitindo que o autor explore de forma mais criativa e reflexiva as experiências vividas. O autor habilmente utiliza a narrativa não-linear, entrelaçando memórias e reflexões presentes e passadas, proporcionando uma visão multifacetada da experiência do cárcere.

Considerando essa escolha estilística, a análise textual da obra é realizada de forma detalhada, identificando o personagem que apresenta os sintomas e/ou comportamentos relacionados ao trauma. Também destacamos eventos traumáticos ao longo da narrativa, destacando como esses elementos são representados.

A Partir das citações de trechos da obra, a análise textual é realizada verificando-se as representações ficcionais e autobiográficas de Graciliano de acordo com os pressupostos teóricos relacionados aos critérios modernos de diagnóstico do trauma e à literatura acadêmica relevante sobre o tema.

Foram interpretados os resultados da análise com base na abordagem de pesquisa qualitativa, com elementos da análise literária. Esta abordagem qualitativa permitiu uma análise aprofundada das representações da memória do trauma na obra de Graciliano Ramos, fornecendo uma compreensão mais completa de como essa condição foi abordada na literatura do século XIX e sua relação com o contexto do encarceramento.

Concluir-se-á a análise resumindo as principais descobertas e discutindo as implicações dessas representações do trauma na obra para a compreensão da saúde mental na literatura e na sociedade.

## 5 MEMORIAS DO CÁRCERE E A RETRATAÇÃO DO TRAUMA

A obra marcante “Memórias do cárcere”, escrita por Graciliano Ramos, um dos mais renomados autores da literatura brasileira do século XX, foi publicada postumamente em 1953. O livro é uma narrativa semi-autobiográfica porque embora seja inspirado nas experiências do autor durante o período em que esteve preso, não segue estritamente a linha de uma autobiografia convencional.

Graciliano Ramos foi preso durante o Estado Novo no Brasil (1937-1945) devido a suas posições políticas. Assim como o autor, o protagonista da obra, que é um intelectual comunista, também é preso por motivos políticos. A trama é fortemente influenciada pelas experiências do autor no cárcere. Mas embora baseada em eventos reais, a narrativa incorpora elementos ficcionais. O autor utiliza técnicas literárias para criar uma narrativa mais ampla e explorar temas mais amplos, indo além de uma mera transcrição dos eventos ocorridos durante seu período de encarceramento:

SOMOS animais bem esquisitos. Depois daquela noite, o primeiro contato com a vida me provocou uma gargalhada. Não o riso lúgubre dos doidos, manifestação ruído sa e divertida, que me causava espanto e era impossível conter (Ramos, 1960, p. 77).

O autor manipula o tempo e o espaço na narrativa, movendo-se entre diferentes momentos e locais, muitas vezes alterando a ordem cronológica dos eventos. Essa técnica contribui para a natureza semi-autobiográfica da obra, permitindo que o autor explore de forma mais criativa e reflexiva as experiências vividas.

Porém, apesar de o livro compartilhar semelhanças com as experiências reais de Graciliano Ramos, a voz narrativa do protagonista difere do autor. Isso sugere uma distância controlada entre o autor e o narrador, criando uma perspectiva literária única:

Os outros alagoanos, capitão Mata, Benon, Ezequiel Fonseca, Vicente Ribeiro, Manuel Leal, se haviam dissolvido na multidão rio-grandense. Os lineamentos dos homens pouco a pouco se iam definindo; às vezes se misturavam, e em roda surgiam figuras desconexas, uma balbúrdia. (Ramos, 1960, p. 93).

Além de relatar suas experiências pessoais, Graciliano Ramos tinha objetivos literários e políticos mais amplos com a obra. Ele usou a narrativa como meio de explorar questões sociais e políticas da época, indo além de um simples relato autobiográfico. A trama se desenrola a partir do momento da prisão até sua libertação, explorando não apenas as condições físicas da detenção, mas também as complexidades psicológicas e emocionais dos personagens que compartilham esse espaço claustrofóbico.

O autor habilmente utiliza a narrativa não-linear, entrelaçando memórias e reflexões presentes e passadas, proporcionando uma visão multifacetada da experiência do cárcere. Ao descrever o ambiente prisional, Graciliano revela os horrores da brutalidade institucional, destacando a violência física e psicológica sofrida pelos prisioneiros.

Além da denúncia das condições desumanas do sistema prisional da época, "Memórias do Cárcere" apresenta uma dimensão política e social, utilizando o ambiente carcerário como metáfora para as injustiças e opressões presentes na sociedade. A obra também se destaca pela riqueza simbólica, com elementos que transcendem a experiência específica de Graciliano Ramos, tornando-se uma reflexão atemporal sobre a natureza humana e a luta pela liberdade. Assim, segundo Nicolodi (2021) Memórias do Cárcere permanece como uma contribuição significativa para a literatura brasileira, oferecendo uma análise penetrante do trauma causado pelo encarceramento e uma crítica contundente aos desafios enfrentados em tempos de repressão política. (Nicolodi, 2021, p. 54).

### **5.1 A representação do espaço prisional e da violência institucional na experiência traumática do encarceramento**

Na obra "Memórias do Cárcere", o espaço prisional não é apenas um cenário físico, mas desempenha um papel intrínseco na construção da experiência traumática do encarceramento. A descrição meticulosa do ambiente carcerário pelo autor não se limita a meras paredes e grades; ela se transforma em um elemento simbólico e psicológico que intensifica o impacto do confinamento nos personagens.

Ao explorar as dimensões claustrofóbicas das celas, a aridez dos pátios e a dinâmica impessoal das instituições penitenciárias, Graciliano Ramos mergulha o leitor em um universo opressor que espelha a asfíxiante realidade enfrentada pelos prisioneiros. O espaço prisional, assim, emerge como uma força moldadora de traumas psicológicos, contribuindo para a desconstrução da identidade dos personagens e ressaltando a desumanidade do sistema penal da época como relata no trecho:

Trouxeram-nos o café, muito ralo, e um pão sem manteiga. Aí notaríamos uma advertência, se ela fosse precisa. O pão era exatamente igual ao fornecido no Pavilhão dos Primários, mas tiravam-nos o pouco de manteiga rançosa, obrigatória lá. Com certeza não procediam assim por economia: a supressão visava a um fim, aliava-se às esteiras, ao ajuntamento em local exíguo, aos lençóis curtos e finos em tempo frio, a indicar-nos uma

degradação. Iam impor- nos outras mudanças, apagar de chofre os restos de conforto ainda conservados na véspera e forçar-nos a contrair novos hábitos. Esses choques nos perturbam em demasia, e o pior é não sabermos até onde nos levarão: a instabilidade nos impede entrever qualquer limite (Ramos, 1960, p. 254).

No trecho extraído, a descrição do café e do pão servidos aos prisioneiros não se limita a uma mera observação alimentar, mas revela nuances profundas sobre o papel do espaço prisional na experiência traumática do encarceramento. A supressão da manteiga, anteriormente fornecida aos detidos no Pavilhão dos Primários, transcende a economia de recursos; ela se torna um instrumento simbólico de degradação.

Nota-se que a retirada desse pequeno conforto alimentar é apenas o prelúdio de uma série de alterações que os prisioneiros enfrentarão, marcando o início de um processo sistemático destinado a forçá-los a adotar novos hábitos e a adaptarem-se a condições ainda mais precárias. A imposição dessas mudanças, aliada às condições desumanas como as esteiras, o confinamento exíguo e os lençóis inadequados em climas frios, cria um ambiente propício para a instabilidade psicológica, perturbando os detidos e obscurecendo qualquer visão clara dos limites de seu sofrimento. Como já citado Bitencourt (2001) observa que a diminuição da autoestima constitui um processo recorrente, muitas vezes ocorrendo de forma não intencional. A obstrução promovida pelas instituições totalitárias, que cria uma barreira entre o indivíduo e o mundo exterior é identificado como o ponto inicial desse declínio: “Posteriormente, o interno é submetido procedimentos de administração, onde é manuseada, classificado e moldado. Isso implica uma coisificação da pessoa”(Bitencourt, 2001, p.173).

Ramos (1960) ressalta que as condições desfavoráveis não se restringem apenas ao aspecto físico, mas atuam como catalisadoras de choques psicológicos, desestabilizando a psique dos prisioneiros. A incerteza quanto ao alcance dessas mudanças e a incapacidade de prever seus limites contribuem para a ansiedade e para a sensação de perda de controle. Conforme Bitencourt (2001) destaca, no ambiente penitenciário, essa incerteza e a falta de previsibilidade afetam adversamente os mecanismos compensadores da psique. Esses mecanismos são essenciais para a manutenção do equilíbrio psíquico e da saúde mental. No entanto, o ambiente prisional, com suas características específicas e restrições, perturbam ou até mesmo impossibilita o funcionamento eficaz desses mecanismos. A influência

negativa desse ambiente se manifesta na ineficácia dos mecanismos de compensação, conforme ressaltado por Bitencourt (2001, p. 198).

Dessa forma, o espaço prisional não é apenas o cenário, mas uma força que molda e intensifica a experiência traumática, exacerbando a vulnerabilidade dos detidos diante das arbitrariedades impostas pelo sistema.

Nesse contexto, o autor da obra utiliza o espaço prisional como uma metáfora eficaz para denunciar não apenas as condições físicas degradantes, mas também para explorar os efeitos psicológicos profundos do encarceramento. A supressão de elementos aparentemente triviais, como a manteiga no pão, simboliza a perda gradual da humanidade e dignidade dos prisioneiros, sublinhando a crueldade do sistema prisional da época e sua capacidade de infligir danos duradouros à psique daqueles que estão sob seu jugo.

Bitencourt (2001) propõe que a redução da autoestima é um processo recorrente, muitas vezes ocorrendo de maneira não intencional. A supressão de elementos aparentemente simples, como a manteiga no pão, conforme ilustrado na citação, serve como um exemplo palpável de como o ambiente carcerário é meticulosamente projetado para erodir não apenas a dignidade física, mas também a autoestima dos prisioneiros.

A precariedade experimentada pelos prisioneiros não se limita meramente à insuficiência na alimentação. O autor destaca, ao longo da obra, uma série de ações meticulosamente orquestradas no ambiente prisional com o intuito claro de causar desconforto físico e psicológico aos detidos:

RECOLHERAM-NOS, fecharam a grade, fomos arriar pelos cantos as nossas morrinhas. Tinham espalhado no galpão uma camada espessa de areia, e quando entramos, acabavam de jogar nela baldes de água. Supus nisso um desígnio perverso: obrigavam-nos a descansar no chão molhado (Ramos, 1960, p. 297).

A disseminação de areia molhada no galpão é emblemática dessa abordagem cruel, sugerindo que a administração prisional não apenas negligencia o bem-estar básico dos detidos, mas ativamente busca subjugar-los. Essa estratégia visa não apenas a privação física, mas também a corrosão psicológica, forçando os prisioneiros a descansar em um ambiente desconfortável e insalubre.

Ramos (1960) mostra que as adversidades vivenciadas pelos personagens vão muito além das condições materiais. O autor tece uma narrativa que expõe as

camadas mais profundas do sofrimento no cárcere, explorando não apenas a fome, mas a incessante degradação das condições de vida e a violência psicológica como parte integrante do sistema prisional:

Na imensa porcaria, os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga. Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim não nos enganavam. Estávamos ali para morrer (Ramos, 1960, p. 296).

Ao destacar a deficiência de tratamento e a falta de higiene, a narrativa aponta para a negligência institucional deliberada, que não apenas perpetua as condições insalubres, mas as utiliza como um mecanismo de controle. A escassez de chuveiros em relação ao grande número de detentos intensifica a insalubridade, criando um ambiente propício para a propagação de doenças e o sofrimento físico. Nesse contexto, a insalubridade não é apenas uma consequência da negligência, mas sim uma estratégia calculada para desgastar psicologicamente os prisioneiros, enfraquecendo sua resistência e impondo uma sensação de impotência.

A frase "Estávamos ali para morrer" encapsula a percepção dos personagens sobre a finalidade última da insalubridade do sistema. Essa afirmação não se refere apenas à morte física, mas também à morte psicológica e à degradação da dignidade humana. A insalubridade, assim, torna-se uma ferramenta para reforçar a submissão dos prisioneiros, perpetuando um ciclo de sofrimento que vai além das condições materiais precárias. Assim, a insalubridade é empregada como parte integrante de um sistema que busca não apenas punir, mas também quebrar o espírito humano, tornando a experiência no cárcere uma jornada degradante e desumanizadora.

No tocante à violência e aos abusos, verifica-se que a brutalidade institucional é configurada de modo a acentuar o trauma. Emerge aqui uma temática intrinsecamente ligada à experiência do encarceramento: a violência e os abusos infligidos aos prisioneiros, e como esses elementos contribuem para o trauma psicológico. A narrativa não apenas descreve as condições físicas adversas, mas também mergulha nas nuances da brutalidade institucional, revelando um ambiente prisional onde a violência não é apenas uma ocorrência casual, mas uma ferramenta deliberada de opressão, como no trecho:

O sargento volumoso e escuro tinha carranca selvagem, mas o instinto me levou a entender-me com ele. A primeira leva desembarcara ali em noite de chuva, subira montes e descera montes, às carreiras. Lembrei-me do relatório de Chermont. Se um infeliz escorregava no barro molhado e caía, obrigavam-no a levantar-se com pancadas (Ramos, 1960, p. 276).

A figura do sargento, descrito como "volumoso e escuro," personifica a brutalidade institucional, apresentando uma carranca selvagem que reflete a hostilidade e a impiedade do sistema. A habilidade do narrador de "entender-se" com o sargento não sugere uma negociação justa, mas sim a necessidade instintiva de sobreviver dentro de um ambiente hostil. A referência à primeira leva que desembarcou em uma noite de chuva, subindo e descendo montes às carreiras, ilustra a atmosfera caótica e desumana em que a violência é infligida aos prisioneiros.

A memória do relatório de Chermont, mencionado no trecho, ressalta que o que Foucault (1987) apresenta sobre a violência física não ser uma exceção, mas sim uma prática sistemática. A punição imposta a um prisioneiro que escorrega no barro molhado, obrigando-o a levantar-se com pancadas, exemplifica a crueldade institucional, onde a degradação física é utilizada como método de controle e disciplina. Esse uso deliberado da violência não apenas inflige dor física, mas também busca instilar o medo e a submissão, revelando a brutalidade como uma estratégia essencial na manutenção do poder e da ordem dentro do sistema prisional.

Também é explorado como a cruel imposição de autoridade, aliada à desumanização sistêmica, molda a psique dos personagens, deixando cicatrizes profundas e persistentes. Torna-se evidente que a brutalidade institucional não apenas faz parte do cenário, mas desempenha um papel crucial na compreensão do impacto psicológico do encarceramento, como apresenta o autor:

O guarda sacudia a cabeça, bonachão, na maior ignorância deste mundo; não trabalhava por aquelas bandas, e, no meio de tantos presos, nunca ouvira os nomes das quatro pessoas que me interessavam. Esses miseráveis segredos nos arrasam, nos deixam em pandarecos. Vemos um sujeito sem as unhas dos pés, sabemos que elas foram arrancadas a torquês, e a nossa curiosidade não vai além; os sofrimentos findaram, as unhas renascerão, a memória da vítima se embotou; horrível é imaginarmos a redução de uma criatura com tenazes quando pensamos nela, exatamente quando pensamos nela (Ramos, 1960, p. 264).

A narrativa ilustra a ignorância do guarda em relação aos nomes dos presos, revelando a indiferença da autoridade prisional diante das vidas e sofrimentos individuais. Essa falta de reconhecimento pessoal contribui para uma desumanização ampla, onde os presos se tornam meros números, desprovidos de identidade e dignidade.

A imagem impactante do sujeito sem as unhas dos pés, cujo sofrimento é mencionado de forma casual, exemplifica a insensibilidade que ocorre na prisão. O

autor sugere que a curiosidade perante o sofrimento alheio se atenua diante da constante exposição à brutalidade, resultando em uma incapacidade de compreender plenamente o horror. Ramos (1960) enfatiza que, mesmo quando os sofrimentos físicos cessam, as marcas psicológicas persistem, refletindo um trauma que transcende o momento específico da violência.

Assim, Ramos (1960) destaca que a brutalidade institucional não é apenas uma condição periférica na obra, mas sim um componente crucial na tessitura do impacto psicológico do encarceramento. Ao explorar a desumanização, a indiferença e a insensibilidade do sistema prisional, o autor oferece uma visão penetrante das cicatrizes profundas e persistentes que a violência institucional deixa na mente dos personagens, destacando a complexidade da experiência carcerária para além das barreiras físicas.

## **5.2 A reconfiguração do sujeito a partir da experiência traumática**

Segundo Marzola (2021) a experiência traumática, seja ela originada por eventos físicos, psicológicos ou emocionais, tem o poder de alterar significativamente a estrutura e a percepção do eu. Este fenômeno vai além de uma simples reação ao estresse; trata-se de uma transformação profunda que pode moldar a identidade e as relações do sujeito de maneiras inesperadas.

Assim, a compreensão desse fenômeno demanda uma análise das estratégias de enfrentamento adotadas pelo sujeito, assim como o papel da resiliência e do apoio social na reconstrução do eu. Ramos (1960) optou por iniciar a obra “Memória do cárcere” da seguinte forma:

RESOLVO-ME a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silencieei e porque me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa (Ramos, 1960, p. 10).

Aqui é revelada uma hesitação palpável e uma tensão subjacente relacionada ao ato de compartilhar experiências traumáticas. O autor expressa uma deliberada e prolongada hesitação antes de decidir romper o silêncio, o que sugere que a narrativa que se segue é carregada de emoções profundas e talvez dolorosas.

A menção à passagem de dez anos desde os eventos narrados indica que o tempo não apagou as marcas do trauma, mas, ao contrário, pode ter intensificado a dificuldade em dar forma verbal a essas memórias. A ausência de notas preservadas,

mencionada pelo autor, sugere a dificuldade em manter registros formais do ocorrido, talvez devido à natureza perturbadora do conteúdo ou à relutância em confrontar detalhes específicos.

A utilização da expressão "cada vez mais difícil, quase impossível" destaca a progressão do desafio ao longo do tempo. Isso pode ser interpretado como uma luta contínua contra a resistência emocional e psicológica em reviver e comunicar a experiência traumática. A escolha das palavras denota uma verdadeira angústia subjacente ao processo de expressão.

Essa hesitação e a explicação detalhada dos motivos para romper o silêncio podem indicar não apenas a complexidade do trauma em si, mas também a percepção do autor sobre como o ato de contar essa história pode afetar sua própria narrativa pessoal e identidade. Segundo Foucault (1992), a narrativa traumática muitas vezes carrega consigo o peso da reconfiguração do eu, já que para ele "todos os discursos que são providos da função-autor comportam esta pluralidade de 'eus'" (Foucault, 1992, p. 55). Nesse caso, a decisão de contá-la pode ser vista como uma forma de enfrentamento, uma tentativa corajosa de confrontar e transcender os desafios impostos pela experiência traumática.

Na narrativa que se segue, é descrito um momento reflexivo preso a angústia da situação a qual foi submetido:

Esforçava-me por varrer essas coisas aflitivas, um minuto conseguia amortecê-las, embalar-me numa vaga impressão de esquecimento; logo se reavivavam, eliminando recordações, a insinuar-se nos fatos da vida nova. Caso singular: a desgraçada perspectiva me dava prazer. Não era talvez isso, pois ao mesmo tempo sentia o coração desmaiar numa espécie de angústia, e alarmava-me servir de campo ao medonho jogo de emoções incompatíveis (Ramos, 1960, p. 257).

O autor descreve um esforço consciente para lidar com as memórias aflitivas que o assombram, revelando uma luta interna para suprimir e, ao mesmo tempo, confrontar os impactos do trauma em sua vida. A passagem destaca uma dualidade emocional complexa, em que o autor oscila entre tentativas de esquecimento e a persistente ressurgência das lembranças, que permeiam sua existência cotidiana.

Ao expressar sua tentativa de "varrer essas coisas aflitivas", o autor revela uma busca ativa por uma espécie de alívio emocional. O minuto em que consegue "amortecê-las" representa uma breve fuga da angústia, uma tentativa de encontrar um refúgio momentâneo na ilusão do esquecimento. No entanto, a fugacidade desse

alívio é evidente, pois as memórias aflitivas logo retornam, inserindo-se de maneira intrusiva nos eventos da "vida nova" do autor.

É descrito a peculiaridade desse processo ao reconhecer que a "desgraçada perspectiva" lhe proporciona prazer. Esse paradoxo revela uma complexidade psicológica, uma vez que a antecipação do sofrimento iminente parece de alguma forma, oferecer algum tipo de satisfação ao narrador. Contudo, essa aparente gratificação é contrabalançada pela experiência simultânea de angústia profunda. O coração do autor "desmaia numa espécie de angústia", ressaltando a natureza paradoxal e conflitante de suas emoções.

A imagem do autor como "campo ao medonho jogo de emoções incompatíveis" ilustra vividamente a batalha interna que ele enfrenta. A metáfora sugere que as emoções, incompatíveis entre si, disputam espaço na psique do autor, transformando sua experiência em um terreno de conflito emocional. Este trecho, assim, destaca não apenas a complexidade da reação do sujeito ao trauma, mas também a dinâmica instável e muitas vezes desconcertante das emoções que o acompanham.

Na tessitura da narrativa, são desvelados meticulosamente os detalhes da desintegração do indivíduo diante do sistema prisional. O trecho a seguir destaca um momento crucial no qual o narrador é confrontado com a perda de sua identidade pessoal e a substituição por um número, simbolizando a desumanização inerente ao contexto prisional:

Um grito e um aceno levantaram-me, aproximaram-me do negro que fizera a chamada e ordenara a organização das filas.

— O seu número é 35.35, anunciou.

Fiquei um momento absorto, pouco a pouco me inteirei da supressão do meu nome, substituído por quatro algarismos.

— 35.35, não se esqueça. — Está bem.

Nada mais ouvindo, afastei-me e colhi informações (Ramos, 1960, p. 297).

A narrativa revela uma transição abrupta e impactante, iniciada pelo grito e aceno que retiram o narrador de seu espaço anterior e o aproximam de uma figura autoritária responsável pela organização das filas. A entrega do número "35.35" é emblemática, marcando a transformação do narrador de um ser dotado de nome e individualidade para uma entidade reduzida a uma sequência de algarismos. Essa mudança é simbolizada pelo impacto da supressão do nome do narrador, substituído impessoalmente pelos quatro dígitos.

A absorção gradual da situação pelo narrador sugere uma tentativa de compreensão e assimilação do que está acontecendo. A notável pausa após a revelação do número indica um momento de perplexidade e, possivelmente, resistência interna à perda de sua identidade. A supressão do nome é mais do que uma simples formalidade; é um ato simbólico que reflete a anulação da individualidade diante do sistema prisional impessoal.

A comunicação se resume à frieza do número, desprovida de qualquer traço humano. O diálogo entre o narrador e o responsável pela atribuição do número é impessoal e funcional, destacando a indiferença do sistema à singularidade e à humanidade do indivíduo. O narrador, ao dizer "Está bem", não apenas aceita passivamente sua nova designação, mas também indica uma resignação que pode ser interpretada como uma resposta à inevitabilidade da despersonalização imposta pelo sistema.

Ao buscar informações após afastar-se, o narrador demonstra uma reação natural à necessidade de entender e se adaptar à sua nova condição. No entanto, a busca por informações também sublinha a alienação do indivíduo em relação ao próprio ser, agora reduzido a uma série de algarismos.

Na obra de Ramos (1960), a experiência do protagonista vai além da mera "perda de identidade" ocasionada pela substituição de seu nome por algarismos no contexto prisional. O autor/personagem revela um momento impactante em que, após um longo período de encarceramento e sem vislumbrar sua própria imagem, se depara com um espelho e é confrontado com a transformação física avassaladora que o sistema prisional impôs sobre ele:

[...] vi na parede um espelho, avizinhei-me dele. Não contive uma exclamação de espanto:

— Que vagabundo monstruoso!

Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados. Demorei-me um pouco diante do espelho. Não podia ver-me na Colônia, de nenhum modo avaliava os estragos, a medonha devastação (Ramos, 1960, p. 380).

A exclamação de espanto - "Que vagabundo monstruoso!" - revela não apenas o impacto da mudança física, mas também a desconexão entre a imagem refletida e a autoimagem anterior do protagonista. A palavra "monstruoso" denota não só a metamorfose física, mas também a deformação psicológica causada pelo ambiente prisional.

A descrição detalhada da condição física do protagonista - "Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados" - destaca a deterioração física e emocional decorrente do encarceramento prolongado. Cada elemento ressalta não apenas a transformação externa, mas também a perda de vitalidade e a expressão endurecida que reflete a dureza da experiência vivida na prisão.

O protagonista demora-se diante do espelho, indicando uma tentativa de assimilar a própria imagem e compreender os estragos causados pela "medonha devastação". A expressão "não podia ver-me na Colônia" sugere uma desconexão entre a imagem refletida e a identidade prévia do autor, como se a prisão tivesse transformado não apenas sua aparência, mas também sua percepção de si mesmo.

Esse momento é significativo porque transcende a questão da perda de identidade apenas como uma formalidade burocrática na prisão. Assim como destaca Bitencourt (2001) a desumanização profunda e multifacetada sofrida pelo personagem, evidenciando não apenas a alteração externa, mas também a internalização da degradação e brutalidade do sistema prisional. O espelho atua como um símbolo poderoso da autoconsciência e autorreflexão, revelando a dimensão visceral da transformação do eu em um ambiente que negligencia a dignidade humana.

Na progressão da narrativa de Ramos (1960), a degradação mental e física atinge seu ápice quando o autor revela seu estado de supremo esgotamento físico, evidenciado pela incapacidade de se dedicar à sua atividade predileta: a escrita. O autor destaca não apenas a exaustão física, mas também a desmotivação e o desinteresse que se instalaram no protagonista, marcando uma fase crucial de desesperança e desânimo:

Lamentei aquele desperdício de tempo, embora também me achasse inútil, ocioso: quase um ano a jogar *poker* e xadrez, matar percevejos, ouvir hinos e discursos. Agora, depois do jejum prolongado, não me sentia disposto a recomeçar o trabalho (Ramos, 1960, p. 384).

Ao lamentar o "desperdício de tempo" envolvido em suas atividades recentes, o autor expressa um reconhecimento consciente da inutilidade de suas ocupações anteriores, destacando o contraste entre a expectativa e a realidade. A menção de "um ano a jogar poker e xadrez, matar percevejos, ouvir hinos e discursos" indica uma rotina monótona e desprovida de propósito, que serviu como um paliativo inadequado para a realidade opressora do ambiente prisional.

A frase "agora, depois do jejum prolongado" sugere que o autor experimentou uma forma extrema de privação ou sofrimento, o que contribuiu para sua condição atual. A privação alimentar, mencionada anteriormente na narrativa, pode ter desempenhado um papel significativo no estado de fraqueza física e mental do protagonista. A expressão "não me sentia disposto a recomeçar o trabalho" revela uma apatia profunda em relação à sua atividade predileta, a escrita, indicando um esgotamento emocional e criativo que transcende as limitações físicas.

A palavra "trabalho" nesse contexto assume uma carga emocional adicional, pois se refere não apenas à escrita como uma atividade física, mas também como um meio de expressão, reflexão e resistência diante das adversidades. A incapacidade de retomar essa atividade destaca a dimensão devastadora da degradação mental e física experimentada pelo autor.

O trecho enfatiza a perda da vitalidade criativa do autor, antes nutrida por sua paixão pela escrita. O contraste entre o antes e o depois, entre o prazer anterior e a presente aversão ao trabalho criativo, revela a profundidade do impacto da experiência prisional na identidade do autor e em sua capacidade de encontrar significado e propósito na expressão artística.

Na obra a narrativa das próprias memórias emerge como um poderoso instrumento de ressignificação para o sujeito traumatizado, conferindo-lhe a capacidade de transcender as barreiras físicas e emocionais impostas pelo confinamento. Através da expressão artística de suas experiências, o autor, Graciliano Ramos, não apenas documenta os horrores do cárcere, mas também tece uma trama complexa que busca compreender e transcender o trauma:

Aqui findo o resumo dos empecilhos até hoje apresentados à narração que inicio. Terão eles desaparecido? Alguns se atenuaram, outros se modificaram, determinam o que impediam, converteram-se em razões contrárias. Estarei próximo dos homens gordos do primado espiritual? Poderei refestelar-me? Não, felizmente. Se me achasse assim, iria roncar, pensar na eternidade. Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranqüilidade, é necessário afastar as miseriazinhas que nos envenenam. Fisicamente estamos em repouso. Engano. O pensamento foge da folha meio rabiscada. (Ramos, 1960, p. 11).

A narrativa pessoal das memórias do cárcere não é apenas uma representação factual dos eventos, mas uma tentativa de dar sentido ao caos, reconstruindo a

identidade do sujeito traumatizado. O poder da narrativa segundo Sousa (2013) reside na sua capacidade de funcionar como um ato terapêutico, permitindo ao autor se apropriar da própria história, moldando-a à luz de sua perspectiva singular. Ao dar voz às suas experiências, o autor não apenas testemunha o sofrimento, mas também reivindica o controle sobre a narrativa, assumindo um papel ativo na construção de sua própria identidade.

A resignificação, nesse contexto, não é apenas um exercício literário, mas um ato de resistência e autodeterminação. Sousa (2013) destaca que as memórias, ao serem transformadas em narrativa, transcendem o papel passivo de testemunhas silenciosas para se tornarem agentes ativos na construção da história pessoal do autor. A narrativa das próprias memórias oferece uma plataforma para a expressão da dor, da raiva e da esperança, permitindo que o sujeito traumatizado se liberte das correntes do passado e construa uma nova compreensão de si mesmo.

Assim, a obra "Memórias do Cárcere" não apenas ilustra a brutalidade do confinamento, mas também destaca o poder transformador da narrativa pessoal como uma ferramenta fundamental para a resignificação. Ao contar sua história, o autor transcende a condição de vítima, emergindo como um narrador ativo que forja significado a partir do caos, transformando suas memórias em uma fonte de empoderamento e cura.

E assim, ao fim da trama Graciliano apresenta uma perspectiva de retorno a vida por meio de sua escrita e com um objetivo: construir seu caminho de cura e não se entregar ao pessimismo.

A perspectiva de liberdade assustava-me. Em que iria ocupar-me? Era absurdo confessar o desejo de permanecer ali, ocioso, inútil, com receio de andar nas ruas, tentar viver, responsabilizar-me por qualquer serviço. Longo tempo me esforçara por justificar a preguiça: todos os caminhos estavam fechados para mim, nenhum jornal me aceitaria a colaboração, inimigos ocultos iam prejudicar-me. Escasseavam agora as evasivas covardes. A coragem de um editor, elogios fáceis na imprensa, vagas esperanças na minha literatura de carregação e afinal os bons propósitos de indivíduos estranhos revelavam-me solidariedade. As loucuras de José Lins não me surpreendiam: tínhamos sido companheiros na redação e no café. Mas novas camaradagens acenavam-me de longe, tão inesperadas como os obséquios de malandros e vagabundos na Colônia Correccional. Não podia encerrar-me no pessimismo; indispensável regressar à humanidade, fiar-me nela; impossível satisfazer-me com partículas de humanidade, poeira (Ramos, 1960, p. 455 - 456).

A perspectiva de liberdade inicialmente assusta o narrador-personagem, como evidenciado em suas reflexões. Surge o temor do desconhecido, questionamentos

sobre como ocupar seu tempo e encontrar um propósito após a privação da liberdade. No entanto, o autor vai além do receio superficial, explorando as profundezas psicológicas do protagonista diante da perspectiva de reintegração: o autor destaca a confissão do desejo de permanecer na ociosidade, uma preguiça justificada por barreiras percebidas anteriormente, como a falta de oportunidades na imprensa e inimigos que poderiam prejudicá-lo. No entanto, as evasivas covardes escasseiam, e o narrador-personagem confronta a necessidade de enfrentar a realidade e assumir responsabilidades na vida cotidiana.

A transformação começa a se delinear quando o autor menciona a coragem de um editor, elogios na imprensa e as esperanças renovadas em sua literatura. Elementos que representam não apenas o reconhecimento externo, mas também a redescoberta da própria autoconfiança e valor como escritor. A solidariedade manifestada por outros indivíduos, mesmo estranhos, sinaliza um retorno à sociedade e a necessidade de confiar novamente nas relações interpessoais.

Ramos (1960) ressalta a resistência em se fechar no pessimismo, indicando a compreensão de que é essencial regressar à humanidade, confiar nela e não se contentar com meras partículas de humanidade, mas sim buscar uma conexão mais profunda.

Graciliano Ramos, por meio de sua obra, retrata não apenas as dificuldades pós-encarceramento, mas também a busca ativa por uma vida significativa, a superação das barreiras emocionais e a construção de um caminho de cura, marcado pela esperança.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise profunda sobre o trauma no contexto do aprisionamento, a compreensão das origens do trauma na psique e a relação intrínseca entre o aprisionamento e as sequelas psicológicas se revelam como peças-chave na busca por soluções e superação. A presente pesquisa buscou também explorar a abordagem terapêutica do resgate da memória traumática como meio de mitigar a lesão psíquica causada pelo encarceramento, oferecendo insights para a compreensão e o tratamento do trauma.

Ao abordar a literatura como reflexo e construção da realidade, ancorando-se nas teorias de Aristóteles e Barthes, este trabalho destacou o papel da literatura como uma ferramenta complexa capaz de imitar, questionar e reconstruir a realidade. A vida na ficção, como observado, desempenha um papel crucial na formação da identidade individual e coletiva, tornando-se uma expressão artística que transcende as fronteiras do tempo e do espaço.

A análise específica da obra "Memórias do Cárcere" revelou como a literatura pode ser um veículo poderoso para a representação do espaço prisional e da violência institucional, oferecendo uma visão crítica e reflexiva sobre a experiência traumática do encarceramento. A reconfiguração do sujeito, explorada na narrativa, sugere que a expressão artística das memórias pode desempenhar um papel significativo na transformação do indivíduo após a vivência traumática.

Assim, ao percorrer os caminhos interconectados do trauma, da literatura e da experiência carcerária, este trabalho destaca a importância de compreender o poder da narrativa na ressignificação do sujeito traumatizado. A literatura, ao servir como um espelho e uma lente, não apenas reflete a realidade, mas também oferece a possibilidade de reconstruí-la, proporcionando um terreno fértil para a cura e a superação. Portanto, a presente pesquisa contribui para o entendimento mais amplo das complexas interações entre trauma, literatura e experiência carcerária, apontando para a necessidade contínua de explorar esses temas de maneira interdisciplinar e compassiva.

Em síntese, a análise da configuração do trauma do encarceramento na obra "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos, revela-se como um exercício essencial para a compreensão das intrincadas relações entre indivíduo e sociedade. Ao mergulhar nas experiências dos personagens aprisionados, evidenciam-se os impactos profundos e duradouros do encarceramento, desvendando as cicatrizes psicológicas que reverberam nas complexas teias sociais. A narrativa de Ramos transcende o contexto histórico específico e estende-se como um espelho crítico, convidando-nos a refletir sobre a natureza desumanizadora do sistema prisional. Nesse sentido, a relevância social da temática ressalta-se, uma vez que a compreensão do trauma do encarceramento não apenas enriquece nossa apreciação literária, mas também incita ações transformadoras no âmbito social, instigando a busca por soluções mais humanas e justas para os desafios enfrentados pelos que experienciam o cárcere. Assim, a obra de Graciliano Ramos não apenas narra uma história específica, mas lança luz sobre questões universais que demandam nossa atenção e engajamento na construção de uma sociedade mais inclusiva e compassiva.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Artmed. Porto Alegre, 2014.

ARISTÓTELES. **Aristóteles, Horácio, Longino: A poética clássica**. Editora Cultrix. São Paulo, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Forense Universitária, 5ª ed. São Paulo, 2013.

BARTHES, Roland. **Aula**. Editora Cultrix. São Paulo, 1980.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Dicas de saúde: estresse**. Biblioteca virtual em saúde, 2012. **Disponível em:** [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/253\\_estresse.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/253_estresse.html). **Acesso em:** 13/09/2023.

BITENCOURT, C. **Falência da Pena de Prisão: Causas e Alternativas**. Ed Revistas dos Tribunais LTDA. São Paulo, 2001.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. **O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual**. Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, XXIV, Natal: UFRN, v. 4, 2012.

DE ALMEIDA CARDOSO, Zelia. A representação da realidade na obra literária. **Língua e literatura**, Rio de Janeiro. v. 14, p. 161-167, 1985.

DE OLIVEIRA ROCHA, Polyanna Morgana D. **Ver o semelhante: mimesis, representação e autoficção**. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, A.;

FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010.

FLORIANO, Magru. **Poesia engajada: o papel social da literatura**. Obtido de, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 6. ed. Lisboa: Vega, 1992.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Minas Gerais: UFMG, 2014.

MARZOLA, Veluma. **Como os traumas psicológicos se formam e como lidar com eles**. Psicologo.com.br, 2021. Disponível em: <https://www.psicologo.com.br/blog/traumas-psicologicos/#:~:text=O%20trauma%20psicol%C3%B3gico%20%C3%A9%20uma,terr%C3%ADvel%20ou%20a%20longo%20prazo.&text=Pessoas%20traumatizadas%20frequentemente%20se%20sentem%20desamparadas%2C%20oprimidas%20e%20paranoicas>. Acesso em: 13/09/2023

NICOLODI, Julia Ribeiro. **“Dar de beber a qume tem sede”**: a memória traumática dos espaços de violência como elemento narrativo em Memórias do Cárcere (1953), de Graciliano Ramos. VALITTERA-REVISTA LITERÁRIA DOS ACADÊMICOS DE LETRAS, v. 1, n. 4, p. 38-56, 2021.

NUNES, Benedito José Viana Costa. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Burity, 1986.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Caloustre Gulbenkian, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Editora Record. Rio de Janeiro, 1960.

SANTOS, Marta S.O.P.S. **Trauma psicológico e resiliência: relação com o tipo de evento potencialmente traumático e o crescimento pós-traumático**. Lisboa. ULisboa, 2017.

SOUZA, Vivian. **A memória traumática da tortura: contribuições do debate acadêmico para as possibilidades de reabilitação e esquecimento**. Revista Eletrônica Discente História.com, Cachoeira, vol. 1, n. 2, 2013.

ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1982.





**Uema**

CAMPUS  
BARRA DO CORDA

**REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL  
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**  
<http://repositorio.uema.br/>

**1 DADOS DOS AUTORES**

Nome: Maria Vitória Noleto de Sousa  
Curso/departamento Letras CPF: 070.485.713-81  
E-mail: mvitoria.noleto@gmail.com telefone: (99) 98482-0255

Nome: \_\_\_\_\_  
Curso/departamento \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_  
E-mail: \_\_\_\_\_ telefone: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_  
Curso/departamento \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_  
E-mail: \_\_\_\_\_ telefone: \_\_\_\_\_

**2 IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO**

Tipo de documento:

Monografia de graduação ( ) Monografia de especialização ( ) Dissertação ( ) Tese  
( ) Livros ( ) Artigo de periódico ( ) Outro, informar qual: \_\_\_\_\_

Título do documento A configuração do trauma do encarceramento na obra Memórias do cárcere, de Grazianno Ramos.

Local Barra do Corda ano: 2023

Orientador: Jose Ivan Bernardo Andrade

Co-orientador \_\_\_\_\_

**3 ESPECIFICAÇÕES PARA LIBERAÇÃO ON-LINE**

- a) Liberação imediata
- b) Liberação a partir de 1 ano ( )
- c) Liberação a partir de 2 ano ( )
- d) No aguardo do registro de patente ( )
- e) Liberação somente no repositório UEMA ( )

#### 4 PERMISSÃO DE ACESSO

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho acima citado, **autorizamos** a Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Maranhão a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de nossa autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

Barra do Corda-MA, 07, de fevereiro, 2024

Maria Vitória Noleto de Sousa

Assinatura do autor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do autor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do autor